

TRANSGÊNERO E A DISJUNÇÃO ENTRE SEXO E GÊNERO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE.

Trabalho a ser apresentado na sessão de desanolamento de cartéis
Associação Psicanalítica de Curitiba – Maio, 2023

Márcia Alves de Camargo Lacerda

Qual o posicionamento do analista diante do manifesto sofrimento do sujeito com relação ao seu corpo físico e a urgência pela cirurgia de transição de gênero? Foi convocada por esta questão clínica que cheguei ao tema deste cartel, conforme inicialmente sugerido: O Masculino e o Feminino na Psicanálise.

Este é certamente um tema que impacta não apenas os analistas, psicólogos e médicos, apenas para citar alguns dos atores diretamente envolvidos, mas todo o entorno do sujeito, as relações com as pessoas nos diferentes contextos e a posição do sujeito dentro do estatuto social, onde ele é tido, no sentido comum do termo, como 'pessoa física'. Tendo isso em mente, me parece importante antes de adentrarmos no campo próprio da psicanálise, delimitarmos o termo transgênero a partir do que encontramos na linguagem de acesso comum.

Em uma consulta rápida na internet vamos encontrar que transgênero é um termo guarda-chuva utilizado por aqueles sujeitos que não se identificam com o sexo biológico que nasceram, ou mesmo com nenhum deles, os não-binários, e também por aqueles que se identificam com um terceiro sexo. Se o conceito de masculino estaria associado ao sexo do macho e a identificação com ser um homem, ou o gênero masculino, assim como o feminino estaria associado à mulher e ao gênero feminino, como pensar o sexo e o gênero desarticulados entre si?

O tema das auto identificações de gênero não é um fenômeno recente e denuncia o deslocamento entre sexo e gênero desde tempos muito antigos nas mais variadas culturas. O que pode ser considerado contemporâneo é a forma de nomeação a partir de letras - L G B T Q I A P N, às quais vem se somando sempre outras, graças a possibilidade dada pelo sinal de somatório que se coloca ao final. Aqui me convocam duas primeiras questões: a forma de

nomeação com o acréscimo de sempre Mais Uma letra estaria à serviço da metáfora paterna, em busca do Nome do Pai? Por outro ponto de vista, seria este mais final uma pretensa garantia de inclusão? Estas são algumas das pontas pelas quais poderíamos abordar o tema das auto identificações de gênero, entretanto neste escrito me restrinjo a refletir em como pensar o masculino e o feminino na clínica a partir da queixa quanto a disjunção entre sexo e gênero suscitada pelo sujeito que se nomeia trans.

Sabemos que a teoria que nos toca foi bravamente contestada por um mal entendido em relação ao que Freud postulou acerca da sexualidade humana. Ao contrário dos ideais sociais quanto a união do casal heterossexual para a formação da família e o desenvolvimento da cultura, Freud apresenta o Complexo de Édipo e a sexualidade infantil, perversa e polimorfa como estruturantes da vida sexual adulta. Para o pequeno perverso não há a diferença sexual, a vivência é a mesma para os menininhos e para as meninas. O que está em jogo na estruturação psíquica é o par atividade e passividade, dentre os quais o sujeitinho é jogado, ao mesmo tempo em que se joga, na dinâmica pulsional, pra lá e pra cá, experienciando o Édipo, campo de vivencia da sexualidade. Como nos ensina Freud, masculino e feminino são uma classificação tardia, característica da vida sexual adulta, a qual toma forma em um segundo momento, após a passagem pelo Édipo. É somente a partir desse segundo momento que os genitais passam a interessar e marcar as diferenças entre os seres masculinos e femininos.

Lacan inicia seu texto sobre A significação do falo marcando uma diferença entre a clínica lacaniana e freudiana que nos serve também para pensar a questão da sexualidade. Para Lacan o Édipo é um mito. É dele que o sujeito se queixa e conta suas histórias de amor, ou sexuais, já o complexo, que tem “*uma função de nó*” (Lacan, 1960/1998, p. 692) é o de castração. A própria estrutura subjetiva. O sujeito, independente do sexo, se constitui a partir da ameaça da castração, e se há uma ameaça é porque há algo a ser castrado, o falo. Como cada ser vai se ajeitar com o falo, por uma ameaça de perdê-lo ou pela inveja de não tê-lo, é que vai marcar as diferenças na vida sexual adulta.

Tal ponto me provoca a pensar em como podemos escutar as queixas dos sujeitos que querem extirpar ou implantar os órgãos sexuais. Que experiências edípicas teriam suscitado nestes sujeitos o querer modificar o corpo físico? De

que corpo se queixa o sujeito?

Nossa ética nos compromete com o desejo, um desejo que nada tem a ver com o querer consciente, mas sim que é gerado por uma falta. O desejo que estamos comprometidos é inconsciente e navega nas águas da pulsão, a qual marca o corpo do sujeito a partir das zonas erógenas. Logo, o corpo de que tratamos em psicanálise não é o físico, não é o corpo masculino ou feminino, mas sim aquele marcado pela dinâmica pulsional e que sustenta o desejo. Para além da preocupação quanto aos genitais, o que nos interessa saber é como o sujeito se ajeita com o falo a partir de uma falta que gera a dinâmica do desejo, um desejo que é capaz de situá-lo no seu ser. *Que queres* é a pergunta que nos caber suscitar ao sujeito que sofre, para que ele possa se questionar quanto ao seu próprio ser.

Sabemos com Lacan que o fantasma, enquanto herdeiro do complexo de castração, é o ponto chave para a interpretação do desejo. E seguindo os ensinamentos de Freud, especialmente em *Bate-se numa Criança*, buscamos acessar o fantasma a partir das histórias contadas e criadas em análise. O que diz o fantasma do sujeito que quer modificar o corpo físico? A gramática pulsional ao tempo em que fala do corpo, denuncia o desejo. É desse corpo que o sujeito procura escapar para não ver-se ele próprio como sujeito dividido.

Segundo Lacan, pelo fato de estar submetido à linguagem, de ser falante, o sujeito se estrutura por uma divisão, e "*não pode visar a ser inteiro*" (1960/1998, p. 699). A divergência a que fica colocado o sujeito diante do que seria a necessidade - a pura perda -, a demanda - exigência de amor -, e o desejo - o próprio fenômeno da fenda, *Spaltung* -, outorga ao sujeito o significante falo como último recurso para tentar dar conta das dificuldades enfrentadas em sua idealização fantasmática de completude. Seriam as almejadas cirurgias de transgenitalização uma fuga do sujeito cindido na busca por ser inteiro?

Trago dois trechos do Seminário 6 em que Lacan diz: "*o sujeito que fala não sabe o que faz quando fala*" (1958/2015, p. 51), e "*tampouco sabe a mensagem que lhe chega da resposta a sua demanda no campo de seu querer*" (p. 45) para pensar sobre a eleição, mesmo que inconsciente, do prefixo 'trans' que quer marcar uma identificação de gênero, uma identificação com o Um, ou nenhum dos sexos.

Parece-me que, ao mesmo tempo em que procura diferenciar-se do

masculino e do feminino apresentando-se como um outro gênero, se utiliza dos mesmos como referência. Ou seja, tem-se o objetivo de modificar o corpo para se 'trans' formar em outro sexo e lá encontrar a completude, negar a falta. Função fálica? Almeja diferenciar-se tendo o diferente como referência. Apagamento das diferenças?

Enquanto analistas temos o compromisso de ir além do fantasmático, esburacá-lo, atravessá-lo, quantas vezes forem necessárias, desmanchando os sentidos que procuram mascarar a divisão do sujeito, para possibilitar o deslocamento do significante fálico e a aproximação do desejo enquanto falta.

Em *Mais Além do Princípio do Prazer*, Freud apresenta o gozo como este mais além, como a atividade pulsional repetitiva na busca de satisfação, problemática utilizada por Lacan, a partir do Seminário 20, para ir além da lógica fálica, apresentando, a partir da topologia, formas diferentes de gozo, o fálico e o gozo do Outro, A mulher como não-toda e a inexistência da relação sexual.

E porque não há a relação sexual? Porque não há os dois sexos que se complementam para formar o Um. O que há são diferentes modalidades de gozo nas quais cada um dos seres está interessado. Se por um lado o gozo fálico está ligado ao gozo do órgão, o gozo do Outro se relaciona com o não-todo, ou com o significante A , do qual nada se pode dizer. A mulher para Lacan, não a biológica, certamente, tem relação com o significante que "*marca o Outro como barrado - $S(A)$* " (1972-73/1985, p. 109), assim ela é o representante desse gozo outro, dessa outra modalidade de gozo não sabido, que nada se pode dizer e que aponta para a incompletude estruturante da vida sexual. Cito o mestre francês: "*Não há a relação sexual porque o gozo do Outro, tomado como corpo, é sempre inadequado – perverso de um lado no que o Outro se reduz ao objeto a – e do outro, eu direi, louco, enigmático*" (1972-73/1985, p. 197).

Considerando as diferentes formas de gozo que marcam os corpos dos sujeitos, quero levantar duas derradeiras questões que me convocaram no estudo desse tema. Primeira, estaria a transformação do corpo físico para um outro sexo a serviço do gozo fálico na busca incessante de satisfação ou seguindo um gozo do Outro sem poder situar o seu próprio desejo? E por fim, se está instalada uma incessante busca, dita pulsional, que garantias tem o sujeito de não passar pela cirurgia de reversão?

Como momento de concluir este escrito, até para dar provas de uma

prática analítica, é necessário fazer um corte. O mesmo corte que possibilite ao sujeito que sofre por seu corpo, ajeitar-se com seu desejo insatisfeito ou impossível, descolando-se de um gozo fálico e de um não-saber, para poder gozar da vida, para além do seu não-saber.

Referências

- Freud, S. (1972). Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. Em *Obras Completas* (Vol. VII, p. 135). Rio de Janeiro/Brasil: Imago. (Trabalho original publicado em 1905d).
- Freud, S. (1996). Uma Criança é Espancada - uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. Em *Obras Completas* (Vol. XVII, p. 195). Rio de Janeiro/Brasil: Imago. (Trabalho original publicado em 1919e).
- Freud, S. (1976). Além do Princípio do Prazer. Em *Obras Completas* (Vol. XVIII, p. 11). Rio de Janeiro/Brasil: Imago. (Trabalho original publicado em 1920g).
- Lacan, J. (2015). *Seminário 6. El deseo y su interpretación*. Buenos Aires: Ed. Paidós. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1998). A significação do falo. Em *Escritos* (p. 692). Rio de Janeiro/Brasil: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (1985). O Seminário: Livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro/Brasil: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1972 - 1973)